

Trabalho de enfermagem gerador de sentimentos ambivalentes

Desejo refletir com meus colegas da Enfermagem sobre os sentimentos reconhecidos no exercício da profissão.

Colegas, o sofrimento inerente à existência humana tem levado a preocupação dos organismos internacionais. Com relação à depressão a Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que esta é responsável por 4,3% da carga global das doenças e está entre as maiores causas de incapacidade no mundo, particularmente para as mulheres. Só esse dado revela que o sofrimento emocional está aumentando em toda a população e em todo o mundo.

Além da carga pessoal da vida, nós, profissionais de Enfermagem temos sobrecarga, ou seja, a pressão exercida pela superlotação de pacientes presentes nos serviços públicos, a assistência fragmentada, caracterizada na maioria por ações, muitas vezes, desarticulada do cuidado integral em saúde, a vivência e a gestão permanente de conflitos no cotidiano das relações com a equipe de saúde, da própria profissão, por parte de pacientes e familiares, somada a grandes cargas de trabalho e remuneração não adequada.

Os profissionais de Enfermagem tem como objeto de trabalho o ser humano e o cuidado é o seu resultado, mas, não apenas o cuidado do corpo, mas o cuidado integral. Nós cuidamos da pessoa, geralmente, em grande fragilidade e carregando cargas de sofrimento.

O cuidado de Enfermagem a outro ser humano é gerador de sentimentos ambivalentes: de realização profissional e de sofrimento. Amamos o que fazemos, mas sofremos, por estabelecer vínculos com a pessoa e, caso ela não responda aos nossos esforços cuidando de sua vida sobrevêm o desconforto, o sentimento de incapacidade. Mas mesmo assim, ficamos ali, até o fim. Usamos mecanismos

de defesa para encobrir nosso pesar, choramos escondidos, sofremos. No minuto seguinte, temos que sorrir, pois nova internação será feita no mesmo leito e novos vínculos criados, para dar sentido a integralidade do cuidado.

A prática laboral é uma instância primordial da relação entre o indivíduo e a sociedade, além de suporte fundamental da nossa identidade, forma de expressão de capacidades e fonte de subsistência material. No trabalho da Enfermagem, nossa identidade nem sempre é reconhecida como de prestígio e novamente, so-brevem o sofrimento emocional.

Nós nos sentimos sozinhos, sofremos por nós mesmos e pelo sofrimento dos que necessitam de nosso cuidado, logo sobrevêm o queixume, a desesperança, o estresse, a depressão.

A meu ver colegas, necessitamos propor no nosso local de trabalho, um lugar relacional, onde possamos compartilhar tanto a alegria quanto o sofrimento.

O trabalho, que muitas vezes, significou a via de acesso às oportunidades de participação social, de ascensão, de melhoria das condições concretas de sobrevivência que pode passar a ser apenas referência de dor emocional.

Temos que assumir que somos os autores da nossa história profissional e que nossos colegas, são partícipes dessa passagem e de sentimento semelhantes aos nossos.

Se não conseguirmos superar o distanciamento e reconhecer nossa identidade profissional, como de grande valia, dificilmente faremos nossa profissão ser dignificada e forte, pois ela é construída por cada um de nós, profissionais que amam o que fazem, mas que sofrem pela vivência cotidiana do sofrimento humano. 🐣

Desejo a todos uma ótima leitura na companhia da Revista Nursing!



Dorisdaia Carvalho de Humerez
 Profa. Adjunta Doutora da UNIFFESP (1986-2000);Doutorada em Enfermagem pela USP; Atuação na área de Saúde Mental e Educação Superior. Coordenadora da Câmara de Educação e Pesquisa - Cofen

“Se não conseguirmos superar o distanciamento e reconhecer nossa identidade profissional, como de grande valia, dificilmente faremos nossa profissão ser dignificada e forte, pois ela é construída por cada um de nós”